



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA – UEPB
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E AGRÁRIAS – CCHA
DEPARTAMENTO DE LETRAS E HUMANIDADES
CURSO: LICENCIATURA PLENA EM LETRAS

JOSILENE FERNANDES SUASSUNA

A POESIA DRUMMONDIANA COMO VEÍCULO DE CRÍTICA SOCIAL:
UMA LEITURA DE “O ELEFANTE” e “ÁPORO”

CATOLÉ DO ROCHA – PB

2012

JOSILENE FERNANDES SUASSUNA

A POESIA DRUMMONDIANA COMO VEÍCULO DE CRÍTICA SOCIAL:
UMA LEITURA DE “O ELEFANTE” e “ÁPORO”

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Departamento de Letras e Humanidades da Universidade Estadual da Paraíba, para atender a um dos requisitos para a obtenção do grau de Licenciatura em Letras.

Orientadora:
Profa. M.Sc. Marta Lúcia Nunes

S939p Suassuna, Josilene Fernandes

A poesia Drummondiana como veículo de crítica social: uma leitura de “O elefante e Áporo”. / Josilene Fernandes Suassuna. – Catolé do Rocha, PB, 2012.

35 f.

Monografia (Graduação em Letras) – Universidade Estadual da Paraíba, 2012. Orientação: Profa. M.Sc. Marta Lúcia Nunes, Departamento de Letras e Humanidades.

1. Realidade social. Criação poética. Consciência crítica.
I. Título.

21. ed. CDD B869.91

A POESIA DRUMMONDIANA COMO VEÍCULO DE CRÍTICA SOCIAL:
UMA LEITURA DE “O ELEFANTE” e “ÁPORO”

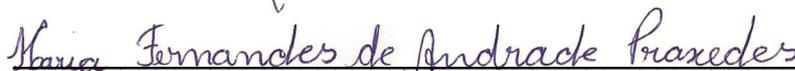
BANCA EXAMINADORA



Profa. M.Sc. Marta Lúcia Nunes – UEPB/CAMPUS IV
Orientadora



Prof. M.Sc. Rômulo César Araújo Lima – UEPB/CAMPUS VI
Examinador



Profa. M.Sc. Maria Fernandes de A. Praxedes – UEPB/CAMPUS VI
Examinadora

Aprovada em 26 de novembro de 2012.

CATOLÉ DO ROCHA- PB

2012

Ao meu irmão Josivan, que tanto gostou de versejar, provando ser um admirador da poesia, e que hoje já não está entre nós, por tudo que representou e ainda representa para a família e os amigos, e por sempre ter acreditado no meu sonho e me ajudado a lutar por ele.

DEDICO.

AGRADECIMENTOS

A cada vitória que alcançarmos na vida, devemos ter a humildade de agradecer aos que contribuíram para que a alcançássemos. Cumprindo esse dever, venho humildemente agradecer aos que considero como verdadeiros contribuintes para a realização desse trabalho.

A Deus, o criador maior de todo o universo, a quem sempre recorro diante das dificuldades e por ter permitido a realização deste trabalho, pois sem Ele, essa realização não seria possível.

Aos meus pais pelo apoio incondicional em todos os momentos da vida. A toda família, e em especial ao meu irmão Josivan (in memorian), pelo pagamento da taxa de inscrição do concurso vestibular e por toda a força que tem me proporcionado mesmo do além.

Aos professores pela contribuição na construção de conhecimentos, pela sabedoria, paciência e habilidade com que me atenderam ao longo do curso.

Aos orientadores do Programa de Monitoria, do qual tive a chance de participar por dois anos consecutivos e em dois componentes curriculares: Língua Portuguesa III com a Profa. Eliene Alves Fernandes e Profa. Maria Aparecida Calado. Em Semântica e Pragmática, com os Profs. João Irineu de França Neto e Carolina Coeli Rodrigues Batista. A eles, os meus sinceros agradecimentos.

A professora orientadora, Marta Lúcia Nunes, pela disponibilidade e sabedoria com que me conduziu no processo de realização desse trabalho, pois o mérito alcançado também é seu.

Aos colegas de turma, especialmente a quem sempre se disponibilizou em me ajudar nos momentos difíceis: Aline, Daliane, Edivânia, Francineide, Graça, Socorro e Suênia, enfim, a todos que agora concluem o curso comigo e aos que tiveram que trilhar outros caminhos, mas deixaram exemplos de companheirismo e amizade.

Aos funcionários do campus, em especial a Irmão Neto pelo carinho e atenção que nos tem dedicado sempre que necessitamos do seu trabalho. Enfim, a todas as pessoas que, direta ou indiretamente, estiveram envolvidas no meu processo de formação e de alguma forma contribuíram para a realização desse trabalho, a minha eterna gratidão.

O Lutador

Lutar com palavras
é a luta mais vã.
Entanto lutamos
mal rompe a manhã.
São muitas, eu pouco.
Algumas, tão fortes
como um javali.
Não me julgo louco.
Se o fosse, teria
poder de encantá-las...

Carlos Drummond de Andrade

RESUMO

Esse trabalho tem como objetivo analisar os poemas “O elefante” e “Áporo” de Carlos Drummond de Andrade e neles discutir os elementos que comprovam a preocupação do poeta com a realidade social, levando em consideração que esses poemas estão inseridos, na denominada Fase social, na qual o poeta desenvolve sua consciência crítica. A obra de Drummond dessa fase revela os dramas vivenciados pela sociedade, fazendo de sua criação poética, a porta-voz dos anseios dos seus semelhantes. Os poemas analisados possuem elementos nos quais se pode perceber uma inquietação do poeta em relação aos problemas da sociedade. Nessa inquietação, o poeta se sente no dever de denunciar o drama dos indivíduos, através da palavra expressa em sua poesia, a arma mais poderosa que possui, e dela se utiliza para defender os que lutam por um mundo melhor, onde se possa usufruir da liberdade. Para melhor compreensão da obra do referido poeta, realizamos uma pesquisa de cunho bibliográfico, fundamentando o trabalho nos estudos de vários teóricos, tais como; Achcar (2000), Barbosa (1988), Bosi (2006), Candido (2010), Moisés (2001), Moraes Neto (2007), Moriconi (2002), entre outros. Chegamos a conclusão de que o poeta Carlos Drummond de Andrade, um dos participantes do movimento modernista brasileiro, teve uma representação significativa para a nossa literatura, considerando a vasta produção ao longo de sua carreira e o desenvolvimento de temas importantes na sua criação poética.

PALAVRAS-CHAVE: Realidade social. Criação poética. Consciência crítica.

ABSTRACT

This study aims to analyze the poems “The Elephant” and “Áporo” of Carlos Drummond de Andrade and discuss the elements that prove the poet’s concern with social reality, considering that these poems are included in a phase called social in which the poet develops their critical consciousness. The work of this phase Drummond reveals the dramas experienced by society, making her poetic creation, the spokesman of the desires of others. The poems have analyzed the factors on which we can see a restlessness of the poet in relation to society’s problems. In this concern, the poet feels the duty to report the plight of individuals, through word expressed in his poetry, the most powerful weapon you have, and it is used to defend those who fight for a better world, where one can enjoy freedom. To better understand the work of this poet, we conducted a survey of stamp literature, basing the work of several theoretical studies, such as; Achcar (2000), Barbosa (1988), Bosi (2006), Candido (2010), Moisés (2001), Moraes Neto(2007), Moriconi (2002), among others. We reached the conclusion that the poet Carlos Drummond de Andrade, one of participants of the Brazilian modernist movement, has had a significant representation for our literature, considering the vast production throughout his career and development of important themes in his poetic creation.

KEYWORDS: Social reality. Poetic creation. Critical consciousness.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1 A REVOLUÇÃO MODERNISTA E O CONTEXTO SÓCIO-CULTURAL	13
1.1 O Modernismo no decênio de 1930	14
1.2 O Modernismo e a geração de 1945	15
2 DRUMMOND: UM REFERENCIAL NA LITERATURA BRASILEIRA	17
2.1 A fase <i>gauche</i> : isolamento e reflexão existencial	18
2.2 A fase social: consciência crítica	20
2.3 A fase reflexiva: poesia filosófica e nominal	23
2.4 A última fase: retomada do memorialismo	24
3 ANÁLISE DOS POEMAS “O ELEFANTE” E “ÁPORO”	26
3.1 “O Elefante”: construção minuciosa de um poema disfarçado de bicho	26 31
3.2 “Áporo”: a luta pela liberdade	
CONSIDERAÇÕES FINAIS	34
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	35

INTRODUÇÃO

A poesia é uma das artes mais tradicionais que se caracteriza pela beleza estética representada, geralmente, através do ritmo, sonoridade, rima, imagem e metrificção. Por meio da linguagem o poeta expressa seus sentimentos, relata acontecimentos, presta homenagens ou cria personagens e por meio destes se expressa sobre algo que o incomoda. O texto poético pode ser lido como forma de lazer, pois é sempre agradável a leitura de um poema que traduz a emoção transmitida pelo poeta através da sua criação.

Para Aristóteles (2005, p. 43), a poesia pode ser vista como imitação da realidade. Em sua *Arte Poética*, o filósofo caracteriza a poesia como filosófica, universal e com um caráter mais elevado do que a História, visto que esta apresenta objetivamente acontecimentos particulares, enquanto a poesia diz o que poderia ter acontecido em tal circunstância. Dessa forma, um dos aspectos que diferenciam a arte poética da historiografia, é que nesta os fatos ocorridos são apenas relatadas enquanto naquela encontra-se a imitação dos fatos.

Pound (2006, p.32) *apud* Carmo (2011, p.27), informa que “literatura é linguagem carregada de significado” e a poesia, segundo o autor, se caracterizaria como uma arte verbal condensada de ideias, e no poema, a linguagem atingiria o máximo de significação lançando imagens visuais na imaginação do leitor e construindo ideias e sentidos através das palavras. Diante disso, percebe-se a importância do leitor para a compreensão do significado da linguagem da poesia, pois esse ao ler um poema e apreciá-lo, é capaz de compreender o que está subentendido, podendo então, construir sentido para a mensagem poética.

De acordo com Moriconi (2002, p.8-9), a poesia abrange sentidos que vão além da linguagem verbal, oral ou escrita, pois ela se refere a um universo mais amplo, além-livro, e como arte específica da palavra ela pode estar articulada com a poesia da vida. Na concepção do autor, “toda linguagem tem seu quê de poesia” (p. 08) e essa pode ser vista como entretenimento para o leitor. Trata-se de um tipo de leitura que deve ser realizada por prazer para que seja possível a absorção do sentido das palavras criadas pela imaginação do poeta e o entendimento da obra que está sendo apreciada.

Mas nem sempre um poema é compreendido, visto que na maioria das vezes, o seu real sentido não está literalmente nas palavras, e sim no que está implícito nas suas entrelinhas. A poesia muitas vezes é escrita com a intencionalidade de possibilitar ao público uma reflexão sobre problemas que envolvem a sociedade e que nem sempre podem ser denunciados abertamente. Diante disso, o poeta faz uso de expressões metafóricas para externar sua indignação sobre aquilo que considera intolerável para a sociedade.

Neste trabalho, tomamos como objeto de estudo a poesia de Carlos Drummond de Andrade, o poeta mineiro modernista, que começou a escrever quando o Brasil passava por grandes transformações, e que foi considerado por muitos, um dos intelectuais mais importantes da sua época. Objetivamo-nos aqui, analisar dois de seus poemas “O Elefante” e “Áporo”, e a partir deles discutir os elementos que comprovam a preocupação do poeta com a sociedade, expressa através da arte, levando-se em consideração o contexto sociocultural no qual o poeta estava inserido, pois este exerce fundamental importância dentro de uma obra.

Mesmo já existindo trabalhos acerca da temática, pretendemos fazer um novo estudo, pois cada pesquisador pode estudar um determinado objeto de forma diferenciada, descobrindo algo a mais, que possa ter passado despercebido por outro, e entendendo ainda, que a interpretação de uma obra não se esgota apenas na análise de um único leitor. Vejamos o que diz Eagleton acerca da interpretação da obra literária:

Diferentes leitores têm a liberdade de concretizar a obra de diferentes maneiras, e não há uma única interpretação correta que esgote o seu potencial semântico. Essa generosidade, porém, é condicionada por uma instrução rigorosa: o leitor deve construir de modo a torná-lo internamente coerente. (EAGLETON, 2001, p. 111, *apud* VIEIRA, 2011, p.17)

Nas palavras do autor citado compreende-se que, cada leitor ao analisar uma obra interpreta-a a sua maneira, mas isso não quer dizer que sua opinião esgote todos os significados dessa. Outros podem analisá-la de maneira diferente sem que a obra perca a essência. Até o mesmo leitor, ao lê-la em momentos distintos, pode interpretá-la de forma diferente.

Inicialmente, abordaremos o contexto da época do Modernismo no qual o poeta tornou-se conhecido. Fizemos um relato sobre os acontecimentos do período, as características do movimento modernista, os aspectos sociais e políticos e as mudanças que ocorreram nas artes. Em seguida, apresentamos alguns dados sobre o autor, um pouco de sua história, seu estilo e sua atuação no movimento modernista. Por último, faremos uma análise dos referidos poemas de Drummond, no tocante à crítica social feita pelo autor.

Segundo Candido (2010, p.13), a análise de uma obra literária só pode ser compreendida quando conseguimos situá-la no contexto de sua criação, pois a realidade social pode estar representada dentro do próprio texto. Dessa forma, ao analisarmos uma obra devemos estar atentos às suas características, a linguagem utilizada e aos acontecimentos da época. De acordo com o contexto, a obra literária mostra a realidade vivenciada pela sociedade, abordando temas universais que preocupam a população e denuncia as formas de exclusão social de cada época. Diante disso, a literatura exerce um papel fundamental na sociedade, ou seja, expor uma representação da realidade através de textos literários, que apesar de se apresentar como ficção, se baseia em acontecimentos reais, o que é perceptível na poesia de Drummond.

1 A REVOLUÇÃO MODERNISTA E O CONTEXTO SOCIOCULTURAL

O Modernismo brasileiro ficou conhecido como o período das rupturas no campo das artes culturais, na economia e na política, contrariando uma grande parcela da sociedade partidária da tradição, ou seja, que valorizava as formas artísticas do passado e não compactuava com as novas tendências disseminadas pelo movimento modernista.

O período de transformação já havia iniciado em 1917, com a realização da famosa exposição de quadros da pintora Anita Malfatti que foi duramente criticada por Monteiro Lobato no texto “Paranóia ou Mistificação”, publicado logo após assistir à exposição. O grupo modernista decide unir-se em razão do ataque sofrido, para levar adiante as novas tendências artísticas europeias. Cronologicamente, a primeira fase do Modernismo brasileiro teve início com a realização da Semana de Arte Moderna em fevereiro de 1922 em São Paulo. Esse primeiro momento modernista também ficou conhecido como “fase heroica”, pela ousadia com a qual seus idealizadores conduziram o movimento. Após a Semana de Arte Moderna, os artistas investiram em diversas formas de divulgação dos novos padrões artísticos, com o objetivo de consolidar a ideia de renovação cultural.

A estratégia encontrada pelos primeiros modernistas foi a publicação de diversas revistas, das quais destacam-se “Klaxon” primeira revista publicada em São Paulo e considerada o primeiro veículo de divulgação do movimento modernista brasileiro e “A Revista”, órgão do Modernismo mineiro, fundada com a participação de Drummond, e como afirma Barbosa (1988, p. 13), é ele quem redige e publica no nº 1 da referida revista, o artigo “Para os cétricos”.

Outra forma de divulgação das novas tendências foram os manifestos elaborados pelo grupo. Os princípios norteadores dessas publicações e manifestos eram: a busca do atual, o culto ao progresso, a afirmação de que a arte não consiste em uma cópia da realidade e a incorporação de novas formas artísticas como o cinema. O grupo defensor dos novos princípios buscava uma renovação literária que valorizasse a identidade Nacional, como enfatiza Barbosa (1988, p.12-13):

Retomando toda uma tradição, que fizera do Brasil tema e assunto de arte, o Modernismo se empenha na valorização e descoberta do nacional. Basicamente, busca reagir contra o academicismo decadente, em função das propostas futuristas, dadaístas ou cubistas e surrealistas. À medida que assim agem, os escritores brasileiros terminam por reagir contra toda uma idealização do país e contra uma temática à europeia, chegando a renovação literária que culminará com a redescoberta do Brasil.

Em linhas gerais, o que os escritores modernistas pretendiam, era mostrar suas capacidades de produzir arte nacional, sem a necessidade de buscar ideias fora do país. Na poesia, deram preferência ao verso livre e ao predomínio do poema-piada, onde a ironia era frequente. Os participantes do movimento romperam com as velhas tendências e revolucionaram a arte através dos novos princípios, atualizando a renovação artística brasileira. Os escritores da primeira fase do Modernismo pretendiam romper com as estruturas do passado e apresentar novos ideais, por isso, foi considerada a fase mais radical do Modernismo brasileiro, pois segundo o próprio Mário de Andrade, um dos principais integrantes dessa fase, o movimento teve um “espírito destruidor” que se alastrou pelo Brasil.

1.1 O Modernismo no decênio de 1930

A segunda fase, que começa em meados de 1930 e se estende até 1945, teve um caráter mais construtivo. Nela, os artistas em suas produções literárias usaram uma temática voltada para a sociedade da época e para a condição da humanidade vivendo ainda os traumas deixados pela primeira guerra mundial. Os acontecimentos dessa época deram impulso ao desenvolvimento do país, que entrou no ritmo da industrialização e do progresso científico.

De acordo com Barbosa (1988, p.15), esse é o período da ditadura Vargas, da tortura e da repressão, da censura aos meios de comunicação e da perseguição aos intelectuais que reagiam contra a situação pela qual o país atravessava.

A produção literária da época apresenta um estilo, que incluía preocupações novas, de ordem política, social, econômica e espiritual. Foi uma fase rica em

produção, tanto na poesia quanto na prosa, apresentando um amadurecimento da literatura, conforme nos esclarece Barbosa (idem, ibidem):

Literariamente, o país entra num período de maturação e de aparecimento de valores, hoje representativos da nossa cultura. É o momento da revitalização do romance regionalista, enquanto a poesia adquire vigor e nos dá figuras como Carlos Drummond de Andrade.

Trata-se, portanto, de um momento em que os intelectuais brasileiros efetivamente se responsabilizaram pelo desenvolvimento da cultura com consciência crítica em relação à desigualdade social existente no país.

Para Bosi (2006, p. 438), “[...] pode-se reconhecer nos poetas que se firmaram nessa fase do Modernismo, a conquista de dimensões temáticas novas, como a política e a religiosa”, como também se impõe a busca de uma linguagem renovada. Nessa fase, houve uma inovação mais consciente, sem o exagero e o radicalismo da chamada “fase heroica” do início do movimento.

1.2 O Modernismo e a geração de 45

A terceira fase do movimento modernista, também chamada geração de 45, representa mais uma transformação no campo literário, o qual assume um caráter mais intimista, de sondagem psicológica, introspectiva e regionalista. Os autores da época foram considerados instrumentalistas como Guimarães Rosa, Clarice Lispector, entre outros, pelo traço característico da valorização da linguagem.

Segundo Moisés (2001, p. 295), “[...] os adeptos dessa fase fizeram sempre alarde de um individualismo que repelia, por natureza e por princípio, toda uniformização teórica.” Percebe-se, no entanto, que houve uma reação contra as tendências iniciais do Modernismo que contribuiu para que a geração de 45 passasse a ser considerada como Pós-modernista.

De acordo com Barbosa (1988, p.16), dessa época, surgiram obras literárias representativas, tanto na prosa quanto na poesia. Um exemplo que podemos citar é o livro “A rosa do Povo” de Drummond, publicado em 1945.

Os anos seguintes foram marcados por novos acontecimentos, novas agitações e transformações nos campos político, social e artístico. Neste, ganhou significativo impulso o movimento da Cultura Popular alimentado pelo ideal nacionalista. O povo brasileiro passava por um arrocho salarial, e com o endividamento externo, houve uma séria decadência na educação, marginalização das camadas intelectuais e valorização desenfreada da tecnologia.

Para Barbosa (op. Cit., p.19), “a literatura trilha seu próprio caminho, culminando com o surgimento do romance fantástico e a ficção de denúncia desses tempos sombrios em que ocorreu o exílio de muitos intelectuais”. Drummond se encaminha para a poesia autobiográfica, mas denunciando as mazelas sociais em algumas composições publicadas nessa época.

Entende-se o movimento modernista como um período revolucionário, pois ao mesmo tempo em que vários acontecimentos transformavam a sociedade como um todo, no campo artístico também houve uma verdadeira revolução em busca de inovação e do rompimento com as correntes do passado. Sobre esse movimento revolucionário, Moriconi (2002, p. 26) afirma:

O Modernismo modificou para sempre a cultura literária e até mesmo os parâmetros pelos quais a língua portuguesa passou a ser escrita e falada no Brasil. Foi uma revolução que começou nas artes (música, pintura e literatura), mas espalhou-se por muitas áreas mais, durante um longo período em que suas consequências se desdobraram. Foi o passo mais importante de nossa independência cultural, depois da independência política, ocorrida cem anos antes da Semana de 22.

Percebe-se então que, mesmo tendo enfrentado uma grande resistência por parte de muitos que não compactuavam com o caráter demolidor e renovador do movimento, o Modernismo foi de extrema relevância, visto que as contribuições trazidas por ele vão além das artes, uma vez que constitui um movimento de conscientização nacional, de cunho social, político e cultural.

2 DRUMMOND: UM REFERENCIAL NA LITERATURA BRASILEIRA

O poeta Carlos Drummond de Andrade, nascido em Minas Gerais, descendente de família de fazendeiros, trabalhou como funcionário público, foi redator de jornais, formou-se em farmácia, mas foi como escritor que se realizou intelectualmente, chegando a ser considerado como o maior poeta do Modernismo brasileiro como assim o caracteriza Moisés (2001, p.262), apesar de o próprio poeta afirmar nunca ter procurado ser um escritor profissional e nem fazer carreira literária.

Nunca procurei ser profissionalmente um escritor. Eu, até certo ponto, sou um profissional da literatura porque publico livros e estes livros rendem direitos autorais. Mais eu não viveria só dos meus direitos autorais. Então, não posso me considerar um profissional cem por cento. (ANDRADE *apud* MORAES NETO, 2007, p.43)

O que se percebe nas palavras do poeta, é que mesmo sendo considerado um dos maiores poetas intelectuais da literatura brasileira, ele modestamente não se considerava como tal. Ele se considerava um profissional por ser capaz de escrever e publicar livros, mas não se dava ao luxo de se julgar o maior nem se colocar como símbolo de perfeição.

De acordo com Moisés (2001, p.263), Drummond “[...] encarna as matizes fundamentais do Modernismo e sua obra atravessa todas as modalidades poéticas da época, tornando-se uma espécie de mostuário das várias tendências modernistas”.

Percebe-se nas palavras do referido autor, que a obra drummondiana exerceu fundamental importância para o período modernista, pois o mesmo ao longo de uma carreira de mais de cinco décadas, escreveu crônicas, contos e poesias sobre várias modalidades temáticas. Utilizando-se de uma linguagem mesclada entre o estilo coloquial e o clássico, sua obra é marcada também pela ironia, sendo admirada por muitos e criticada por outros. O poeta tornou-se mais conhecido no Brasil quando publicou na Revista de Antropofagia, o poema “No meio do caminho”, provocando um grande escândalo para aqueles que não entendiam o seu verdadeiro sentido e o consideravam como uma forma de desrespeito da nova geração de poetas para com a poesia.

Augusto de Campos *apud* Moraes Neto (2007, p.152), referindo-se ao poema “No meio do caminho” afirma: “[...] o poema é um dos mais significantes, até como infração da linguagem. É relevante, fortíssimo – uma das pedras de toque da poesia de cunho mais revolucionário na tradição da poesia moderna brasileira”. Fazendo referência ao mesmo poema, Moisés (2001, p.264), enfatiza que: “O poeta praticava o ‘poema-piada’, em pleno uso na primeira fase do Modernismo, o que levou ao grande defeito da poesia contemporânea”, o que era considerado, uma expressão significativa das novas formas estéticas de fazer poesia.

Como se vê, as opiniões sobre o poema apontam para um feito revolucionário que provocou um impacto no gosto literário, repercutindo de forma surpreendente até para o seu criador, pois, de acordo com o próprio poeta, a escrita do referido poema não passou de uma brincadeira sem nenhuma intencionalidade.

Minha intenção era fazer apenas um poema monótono com poucas palavras. Um poema repetitivo. Um poema chato mesmo. Uma brincadeira. Não tinha intenção de fazer uma coisa que agredisse o gosto literário nem também uma coisa que permitisse uma revolução estilística. (ANDRADE *apud* MORAES NETO, 2007, p.96)

Percebe-se, portanto, que ao escrever o poema, Drummond não tinha dimensão da repercussão que o mesmo provocaria, ou ao proferir essas palavras, estava expressando certa ironia, característica presente em seus poemas. Segundo ele, era como se tivesse feito algo sem importância, sem expressar nenhum significado e não provocasse reação alguma do público. Entretanto, a produção poética drummondiana ganha destaque em relação a outros estilos e, por meio de um processo evolutivo com traços estilísticos próprios, temas variados e uma visão crítica do mundo, foi organizada em fases, as quais possibilitam uma maior compreensão do conjunto de sua obra.

2.1 A fase *gauche*: isolamento e reflexão existencial

Na primeira fase, marcada pela poesia irônica, sarcástica e humorística, Drummond se utiliza do memorialismo, abordando temas relacionados à família e à terra natal. Nessa primeira fase, o poeta se encontra numa espécie de isolamento,

como sendo incapaz de compreender o mundo que o cerca e sua obra apresenta traços característicos, como o pessimismo, o individualismo e a reflexão existencial. É essa fase denominada “*Gauche*”.

De acordo com o Houaiss (2007, p. 1435), a palavra *gauche* (francês), significa indivíduo canhestro, inseguro, sem determinação. Etim: (fr) ‘malfeito de través’, desajeitado, desastrado, inábil, de origem obscura. A palavra ‘*gauche*’ se aplicada ao ser humano pode significar aquele que se sente à margem, isolado e que não consegue estabelecer uma comunicação com a realidade.

Para Moriconi (2002, p.57), “*gauche*” consistia em uma gíria muito utilizada pelas pessoas de classe média urbana para rotular indivíduos tidos como arredios, esquisitos, inadaptados. “*Gauche* era o sujeito meio artista, distraído”.

Como poeta nessa fase, Drummond se caracteriza como um ser diferente dos outros, que não consegue estabelecer uma relação com o mundo. O seu eu poético se configura como um ser deslocado, percebendo tudo de forma diferente dos seus semelhantes, se tornando um ser inadaptado à realidade. Em seu primeiro livro “Alguma poesia”, publicado em 1930, no poema de abertura denominado “Poema de sete faces”, Drummond confirma seu *gauchismo* logo na primeira estrofe:

Quando nasci, um anjo torto
desses que vivem na sombra
disse: vai Carlos! Ser *gauche* na vida.

Ao longo de todo o poema, Drummond se utiliza de uma linguagem coloquial e vai mostrando as faces de um homem comum, um indivíduo meio isolado, incapaz de compreender as nuances do cotidiano, mas que de certa forma, observa tudo à distância, sem participar dos acontecimentos, embora atento a todos eles. Fazendo uma pequena descrição do poeta nessa fase, Chaves (1993, p. 10) afirma:

Como que obedecendo ao imaginado anjo, o homem Carlos Drummond de Andrade viveu sua vida e construiu sua obra procurando a margem dos acontecimentos, sem, contudo fugir deles. Seus poemas iriam refletir quase sempre a situação de alguém que buscava a sombra com os olhos preocupados em ver o mundo, porque essa era a tarefa do poeta.

Dessa forma, podemos perceber que mesmo sendo considerado “*gauche*”, o poeta já demonstrava uma preocupação com os acontecimentos circundantes, sem

exercer uma participação direta neles. Na quarta estrofe do referido “Poema de sete faces”, Drummond se define como “o homem atrás dos óculos e do bigode”, como se isso fosse uma máscara usada pelo eu poético para ficar à parte, sem um maior envolvimento com os problemas do seu cotidiano, mas sem fugir completamente deles. Mesmo nessa fase, Drummond já desenvolveu temas importantes em sua obra, fazendo de sua criatividade poética, um instrumento de expressão e liberdade para através dela, expressar seus sentimentos e angústias.

2.2 A fase social: consciência crítica

A partir de 1940, com o lançamento do seu livro “Sentimento do mundo”, começa a se perceber uma mudança na temática poética de Drummond, uma tomada de consciência, quando o poeta se volta diretamente para a problemática social do seu tempo. Como se estivesse desenvolvendo um espírito solidário, a atenção do poeta se volta para o seu semelhante. Sobre essa fase da poética de Drummond, Barbosa (1988, p.166-167), analisa:

A maturação do poeta coincide com um processo histórico de tensões e lutas internas e externas: crise social e política dentro e fora do país, guerras, regimes totalitários e abuso do poder. E a poética Drummondiana não assiste imune a esse espetáculo. Nesse sentido e sob essa ótica, se explica parte da inadequação ao mundo social, “pássaro ferido” assim como o fato de fazer de sua poesia um instrumento de participação.

A poesia, como instrumento de participação social, foi utilizada por Drummond para denunciar o caos vivenciado pela sociedade da época em meio a essas crises citadas pela autora. Drummond, a exemplo de companheiros poetas de sua geração, encontra na poesia, um meio de expressar suas indignações a respeito dos problemas que afligiam a sociedade e seu desejo de transformação do mundo e do seu próprio ser, como explica Candido (2004, p. 80-81).

O desejo de transformar o mundo, pois, é também uma esperança de promover a modificação do próprio ser, de encontrar uma desculpa para si mesmo. E talvez esta perspectiva de redenção simultânea explique a eficácia da poesia social de Drummond, na medida em que ela é um movimento coeso do ser no mundo, não um *assunto*,

mediante o qual um vê o outro. O seu cantar se torna realmente geral porque é, ao mesmo tempo, profundamente particular.

Entende-se então, que a inquietude de Drummond na poesia da fase social, diz respeito também a compreensão do seu eu em relação ao mundo, visto que, ao mesmo tempo em que se solidariza com o semelhante tenta encontrar uma maneira de resolver o seu próprio problema, ou seja, transformar o eu isolado num eu participativo.

De acordo com Oliveira (1991, p. 276), “O homem só realiza seu ser individual na descoberta do ser-com-os-outros”. Nessa perspectiva, Drummond começa a deixar de lado o eu poético isolado e descobre um eu engajado numa luta em favor dos menos favorecidos. (idem, p. 277), “a poética drummondiana, conquista a maturidade e seu canto carregado de explosões sociais, transforma-se em elegia da consciência, transbordando para o território lírico de “A rosa do povo”, livro publicado em 1945, que revela a face de uma sociedade marcada pelos conflitos da Segunda guerra Mundial e pela ditadura do Estado Novo.

Conforme Santana (1972, p.149), em “A rosa do povo”, “o poeta está na *polis* onde há o acontecer histórico, por isso, seu verso curto a princípio, agora se torna cada vez mais abrangente, abarca a tudo que sua época lhe oferece aos olhos.”

O poeta sente a necessidade de lutar pela construção de um mundo melhor através da sua poesia social, embora armado apenas da palavra. E é com essa arma que Drummond transforma seus versos numa espécie de porta-voz dos menos favorecidos na luta pelas causas sociais, conforme nos esclarece Moisés (2001, p. 267):

O poeta entra na segunda fase da sua carreira, assinalado pelo engajamento inicialmente lírico, mais tarde político. Movido pelo seu ‘sentimento de mundo’, a empatia agora é com o ‘humilhado e ofendido’, na pessoa do trabalhador. (...) Amadurecido, liberto das fáceis soluções à 22, empregadas na sátira do burguês, experimenta versos de medida épica que permanecerá daí por diante como marca distintiva, indicando a primazia do universal sobre o individual.

Dessa forma, demonstrando em sua obra uma grande preocupação com os problemas enfrentados por uma classe desfavorecida socialmente, a classe trabalhadora representada pela massa, o poeta adere à problemática do seu tempo, e a partir de então, produz o que é considerada por muitos “a melhor poesia social

brasileira”. As principais obras dessa fase de Drummond foram: “Sentimento do mundo”, “José” e a “A rosa do povo”, essa última considerada a mais extensa obra, composta por 55 poemas, nos quais o poeta utiliza o verso livre, estrofes irregulares e um estilo alternado, ora com um nível de linguagem elevada, ora mesclado com um estilo mais popular. Nos poemas dessa época, além da preocupação com a problemática social, também são abordadas outras temáticas importantes, como bem lembra Achcar (2000, p.50):

Os acontecimentos provocam o poeta, que se aproxima da ideologia revolucionária e anticapitalista, de inspiração socialista e manifesta sua revolta e sua esperança em poemas indignados e intensos. Mas seu envolvimento com a situação coletiva, com a temática do ‘choque social’, não o levou a deixar de lado nem a qualidade poética de seus versos, nem os grandes temas do eu, do estar - no - mundo, nem a reflexão metalinguística, nem ainda os ‘exercícios lúdicos’.

Diante disso, entende-se que Drummond em sua obra, não se prendia a um único tema isolado, mas abordava várias temáticas ao mesmo tempo, pois, em entrevista concedida a Homero Senna (1978, p. 26), o poeta ressalta que “individual e social se interpretam” e o fato de se cultivar uma nova tendência não quer dizer que se deve fugir da outra, amenos que o criador não tenha habilidade e queira fazer oposições entre tais tendências. E como diz Santana (1972, p.95), “A consciência da liberdade e a concepção de um tempo social estão ligadas a uma consciência individual que se expande numa formulação metafísica do tempo.” Entende-se então, que se a temática é relevante para a sociedade do seu tempo e para a arte literária, o poeta pode sim relacionar um tema individual com o social.

Na concepção de Bosi (2006, p. 441), “o Drummond ‘poeta público’ de “A Rosa do povo” foi a fase mais intensa, mas breve, de uma esperança que nasceu sob a Resistência do mundo livre à fúria nazifascista, mas que logo se retraiu com o advento da Guerra Fria”. Não sendo possível mudar a realidade, o cotidiano é deixado um pouco de lado e o equilíbrio do poeta em relação à mudança do mundo vive uma espécie de desencanto, mas a sua poesia se encaminha para uma nova fase.

2.3 A fase reflexiva: poesia filosófica e nominal

Nos anos 50, a poesia de Drummond tomou novos rumos. A partir de “Claro Enigma” o poeta envereda por um caminho diferente do que foi trilhado durante a sua fase social. Nesse momento, a poesia Drummondiana se orienta de um lado pela poesia de reflexão filosófica e de outro pela poesia nominal. A poesia de reflexão filosófica expressa características pessimistas e tem influência de modelos clássicos como o soneto.

De acordo com Moisés (2001, p. 271), “o poeta atinge nessa fase, o máximo de engenho, pela tensão da forma e da ideia, lembrando mais do que nunca a Camões e Fernando Pessoa”.

Percebe-se então, que a cada fase, Drummond segue em busca de sua ascensão chegando a ser comparado a poetas renomados pela aproximação da sua poética com a dos citados poetas. A poesia de Drummond nesse momento reflete sobre temas universais de caráter existencial. Em seus poemas são abordados temas como: vida, morte, tempo, amor, família e reflete também sobre o próprio fazer poético.

De acordo com Achcar (2000), em “Claro Enigma”, Drummond utiliza na epígrafe uma frase de Paul Valéry, “Les événements m’ennuient” que significa “Os acontecimentos me entediam”. Achcar afirma:

A frase anuncia explicitamente que o poeta se despede da temática social e política, em favor de temas ditos filosóficos. Outra mudança é que ele cultiva com mais insistência o verso metrificado e as formas da tradição, notadamente o soneto. Sua linguagem já pouco ostenta do Modernismo dos livros anteriores; ao contrário, tende para um idioma poético mais tradicional, mais em consonância com as normas linguísticas do passado. (p. 70 – 71)

É como se o poeta buscasse outra saída para sua criação poética. Uma vez desencantado com a fase social, Drummond retoma um pouco o tradicionalismo e consegue alcançar em sua obra a celebração da diretriz tomada, como um sinal de maior amadurecimento. Nessa mesma fase, Drummond pratica a chamada poesia nominal, na qual segundo Moraes (19718, p.117), o poeta sofreu várias influências e é considerada uma fase nova, pelo tratamento que dá a seus temas, sintetizando processos anteriores. Na linguagem empregada nessa poesia, predomina o

emprego de neologismos, aliterações, sugestões visuais e rupturas sintáticas. Embora o poeta não tenha admitido, essa experiência se aproxima das técnicas e propostas concretistas. Como na poesia filosófica, na poesia nominal também há um predomínio da expressão do pessimismo e do impasse da comunicação poética.

2.4 A última fase: retomada do memorialismo

Nas décadas de 1970 e 1980, a produção poética de Drummond destaca o universo da memória, quando são retomados os temas que marcaram o início de sua obra, como a família, a terra natal, o humor, o cotidiano e a ironia.

Para Moisés (2001, p.272), “a poesia Drummondiana evolui por círculos, se expandindo e avançando em caminhos deslumbrados”. Essa fase é marcada por uma revisão e rememoração do passado e da trajetória poética. Além de reviver os temas já abordados, o poeta também se encaminha para temas eróticos que ele preferiu não publicá-los em vida, tendo chegado ao conhecimento do público somente após sua morte.

A poesia erótica Drummondiana atinge o auge em “Amor Natural”: sem humor ou sem ironia, o poeta descreve os vários momentos do intercurso amoroso entre o homem e a mulher, numa linguagem desinibida, escaldante, que mescla os surtos da imaginação à experiência dum amor secreto postumamente vindo a público. (MOISÉS, 2001, p. 274)

O que se pode perceber é que Drummond nessa última fase se desvencilha um pouco de uma das características mais marcantes em sua obra: a ironia. Para Moisés, Drummond poderia estar fazendo uma mistura do seu imaginário com a realidade de uma experiência amorosa vivida no passado, visto que na época em que os poemas foram escritos, o poeta já contava mais de 70 anos de idade.

Para Moraes Neto (2007, p.31), Drummond preferiu guardar os temas amorosos para evitar que fossem confundidos com pornografia, pois teria sido do próprio poeta a afirmação de que “seus poemas são limpos, apenas enaltecem as relações eróticas do amor”.

Com essa afirmativa entende-se que o poeta temia que seus poemas eróticos causassem alguma reação negativa no público, a exemplo de outros poemas seus

que de fato causaram esse tipo de reação, tais como “No meio do Caminho”, já mencionado anteriormente, e outros como “Áporo”, “Mário de Andrade desce aos infernos” e “Consolo na praia”, aos quais, Kothe (2004, p.217) tece algumas críticas.

Em relação ao poema “Consolo na praia”, por exemplo, o referido crítico acusa o poeta de empregar um tom de “superioridade e autoritarismo”, em um poema que, segundo ele, é posto em cartilhas para ser lido por crianças e adolescentes. Pensando nisso provavelmente, o poeta não quis se submeter a julgamentos no final de sua trajetória, apesar de a temática erótica consistir também em objeto de abordagem poética.

3 ANÁLISE DOS POEMAS “O ELEFANTE” E “ÁPORO”

3.1 “O Elefante”: construção minuciosa de um poema disfarçado de bicho

O poema “O Elefante” de Carlos Drummond de Andrade compõe o livro “A Rosa do Povo¹” publicado em 1945, obra que faz parte da fase social, na qual o poeta desenvolveu sua consciência crítica.

Sobre a importância dessa obra, Lins (2006, p. 470), comenta:

Este livro revela o drama de um autêntico revolucionário que quer permanecer ao mesmo tempo fiel às exigências da sua arte; de um ser humano que deseja identificar-se com os problemas populares sem o abandono de sua personalidade artística que é de caráter aristocrático. Daí resulta que o sentido revolucionário do Sr. Carlos Drummond de Andrade não é aquele que leva a arte a penetrar nas massas, a exaltá-las, a ajudá-las a ter consciência das suas próprias misérias e necessidades, mas aquele que transfigura o sentimento de inconformismo e revolta para que possa comover as chamadas elites intelectuais.

Dada a importância do livro, analisaremos dois dos poemas que o compõe para identificarmos elementos que possam comprovar esse sentimento de inconformismo do poeta.

O poema “O Elefante” consiste em uma narrativa sobre o processo de construção do próprio poema. Nele, o poeta desenvolve toda sua escritura, como se estivesse construindo um objeto. Logo no início do poema, o poeta descreve a sua construção nos primeiros versos.

“Fabrico um elefante
Dos meus poucos recursos” (p.104)

Esses recursos podem ser entendidos como as palavras, armas usadas pelo poeta para denunciar suas inquietações. A estrofe vai sendo construída de palavras simples, proporcionalmente aos materiais com os quais o suposto “elefante” vai sendo fabricado.

¹ A edição do livro “A Rosa do povo” utilizada neste trabalho foi a de 1998 da editora Record.

“Um tanto de madeira
tirado a velhos móveis...
E o encho de algodão
de paina, de doçura” (p.104)

Utilizando esses materiais simples metaforizados no poema, Drummond vai dando forma a arquitetura do seu “elefante”, alegoria criada pelo eu lírico. Ao se referir às presas do “bicho”, o poeta assim as caracteriza:

“Tão alva essa riqueza
a espojar-se nos circos
sem perda ou corrupção”.(p.105)

Nesse momento, Drummond dá ao objeto que está sendo construído, uma característica de pureza, de quem ainda não conhece a corrupção que reina na sociedade. Percebe-se aqui, o olhar crítico do poeta, lançado através da sua obra.

“E há por fim os olhos,
onde se deposita
a parte do elefante
mais fluida e permanente,
alheia a toda fraude”.(p.105)

Ao descrever as partes do elefante, Drummond vai tecendo a sua crítica a uma sociedade marcada por inúmeros casos de fraudes, que muitas vezes os indivíduos se negam a enxergar ou enxergando-os optam pelo silêncio.

Na segunda estrofe o poeta apresenta seu elefante como obra pronta.

“pronto pra sair
à procura de amigos
num mundo enfatiado
que já não crê nos bichos
e duvida das coisas”.(p.105)

O elefante que foi cuidadosamente moldado pelo poeta, pode também significar o indivíduo moldado pela sociedade, que vive “num mundo enfatiado”, onde não é possível mais acreditar nos seus representantes. Pode-se entender também, que seja uma alusão do poeta, a determinados políticos, que no período

eleitoral, saem de seus esconderijos à procura do apoio da gente humilde, para alcançarem o poder.

No final da segunda estrofe, ao terminar a descrição do elefante, mostrando os elementos que o compõem, os versos finais expressam:

“alusões a um mundo mais poético
onde o amor reagrupa
as formas naturais”.(p.105)

Percebe-se aqui, que Drummond expressa certo sentimentalismo na busca dos valores da vida humana e o desejo de um mundo melhor, onde se possa valorizar a poesia, o amor e outros sentimentos que a humanidade vai esquecendo no decorrer do tempo. Terminada a montagem do elefante, o poeta atribui vida à sua criação artística e o transforma em um personagem que se movimenta pela rua, para ser visto e apreciado.

“mas não o querem ver
nem mesmo para rir”.(p.105)

Esses versos podem ser entendidos como um lamento do eu lírico pela falta de interesse e sensibilidade das pessoas pela arte em geral e pela literatura em específico, visto que muitas das grandes obras literárias permanecem no esquecimento por falta de leitores que queiram apreciá-las ou até mesmo criticá-las. Confirmando a falta de interesse das pessoas em apreciar a sua arte, Drummond encerra a terceira estrofe com os seguintes versos:

“e não há na cidade
alma que se disponha
a recolher em si
desse corpo sensível
a fugitiva imagem,
o passo desastrado
mas faminto e tocante”.(p.106)

Mais uma vez, percebemos a falta de admiradores para a arte que passa despercebida, sem que ninguém desperte a curiosidade de conhecê-la para valorizá-la ou não, ou pelo menos perceber a sua existência.

Na descrição do elefante feita pelo poeta, percebe-se que se trata de uma figura sem muita beleza. A cauda provavelmente prestes a descolar-se do corpo, “o

ventre balofo” se arriscando a desabar, mas mesmo assim, “é todo graça”. Dessa forma, entende-se que a criação é para seu criador, um brinquedo, uma recordação da infância de tempos em que uma criança com poucos recursos, usando a imaginação e criatividade, fabrica seus próprios brinquedos, e mesmo que a sua criação esteja longe da perfeição, é admirado pelo seu inventor como símbolo de beleza. O poeta vai buscar no seu passado, uma lembrança mitológica, guardada na sua memória para revivê-la através do poema. Acerca da criação poética como recordação do passado, Bosi (2000, p.131-132), observa:

A instância poética parece tirar do passado e da memória o direito à existência; não de um passado cronológico puro – o dos tempos já mortos -, mas de um passado presente cujas dimensões míticas se atualizam no modo de ser da infância e do inconsciente.

O “elefante” apresentado no poema é fruto da imaginação do poeta e símbolo de sua arte, mas através dele, o eu lírico sugere ao leitor uma reflexão no sentido de que esse não perca a esperança e não desista de sua busca por um mundo melhor. Nos versos iniciais da quarta estrofe são retomados os últimos versos da terceira, quando o elefante estava “faminto e tocante”.

“Mas faminto de seres
e situações patéticas
de encontro ao luar...” (p.106)

Nesses versos, percebe-se que existe a busca de um sonho com momentos de emoção e sentimentos, num mundo que está distante, mas faz parte do imaginário do eu lírico. Percebe-se também que ele pode estar se referindo a um ser sozinho à procura de companhia. Os versos que seguem mostram que a caminhada feita pelo “elefante”, representa uma luta, mas uma luta honesta.

“esse passo que vai
sem esmagar as plantas
no campo de batalha...” (p.106)

Percebe-se que nessa batalha, não se pretende ferir ninguém para se alcançar a vitória. É uma luta limpa sem passar por cima dos outros, com objetivo de

buscar a concretização de sonhos. Mas essa busca é simplesmente ignorada pela sociedade.

“Mas que os homens ignoram,
pois só costumam mostrar-se
sob a paz das cortinas
à pálpebras cerradas”(p.106)

Nesses versos, o eu lírico faz uma tentativa de acordar a sociedade envolvida pelo medo de se expor, pessoas que fecham os olhos para fingir que não veem o que acontece ao seu redor, se esquivando de participar da luta por dias melhores. “O elefante” nesse momento é um instrumento que procura descobrir o que a sociedade ignora: “os segredos, os episódios não contados em livros” e que não chegam ao conhecimento de todos, e os que sabem, simplesmente fingem não saber. São as injustiças e as desigualdades sociais que acontecem cotidianamente, e pouco ou nada se faz para combatê-las.

Na última estrofe, o poeta narra a volta do seu “elefante” da busca frustrada por não ter alcançado o objetivo almejado.

“Ele não encontrou
o de que carecia
o de que carecemos,
eu e meu elefante,
em que amo disfarçar-me.”(p.107)

Aqui percebemos que eu poético e personagem se misturam. “O elefante” é um disfarce do seu inventor, que o cria para através dele, revelar suas inquietações. Acredita-se que o que os dois careciam nesse momento era de leitores. O poema carece de ser lido e apreciado, o poeta carece de ser compreendido pelo leitor de sua obra.

Entretanto, não encontrando o que buscavam, tanto o criador quanto o objeto criado desanimam e o “bicho” se desmonta como se o sonho tivesse acabado. Todo o material utilizado na sua arquitetura “jorra sobre o tapete” e o poeta arquiteto se sente “exausto”, mas isso não significa que tenha desistido de sua luta, pois ao encerrar o poema ele mostra que a luta vai continuar com o verso: “Amanhã recomeço” (p.107).

Através desses versos percebe-se que a esperança de Drummond não acaba e que o amanhã será um novo dia, quando ele vai insistir na sua luta, mesmo com seus poucos recursos que são as palavras, e com as quais irá compor muitos poemas ou “fabricar elefantes” e neles expressar suas angústias, lutar pelos seus anseios com a arma que o transformou em grande referência para a literatura: a poesia.

3.2 “Áporo”: a luta pela liberdade

O poema “Áporo” também faz parte do livro “A Rosa do Povo”. O referido poema tem a estrutura de um soneto, com dois quartetos e dois tercetos, sendo que os versos são mais curtos, todos compostos por cinco sílabas poéticas o que difere do soneto tradicional, que apresenta um número mais extenso. Por apresentar tal semelhança, é denominado de sonetinho por Achcar (2000, p. 65), e semi-soneto por Kothe (2004, p.221).

Para o Houaiss (2007, p. 258), áporo significa sem passagem: difícil, inelutável, embaraçante.

De acordo com Achcar (2000, p. 65), a palavra “áporo” é formada por elementos gregos, onde **a** significa prefixo negativo e **poro** significa passagem, saída, e em português a palavra pode significar: 1- situação sem saída, problema difícil; 2- uma espécie de inseto cavador; 3- uma espécie de orquídea.

A seguir, faremos uma análise de cada estrofe do poema para um possível entendimento dos elementos que o compõem.

“Um inseto cava
cava sem alarme
perfurando a terra
sem achar escape” (p.56)

Logo na primeira estrofe, o eu lírico apresenta um áporo (inseto) enfrentando uma situação difícil e lutando silenciosamente para encontrar uma saída. O inseto aqui pode estar representando um indivíduo vivendo num sistema opressor, lutando em busca da liberdade e, se sentindo aprisionado, trama em silêncio uma maneira de encontrar um caminho para se libertar, o que a primeira vista parece impossível.

“Que fazer, exausto,
em país bloqueado,
enlace de noite
raiz e minério?” (p.56)

O trabalho do inseto se torna cada vez mais difícil. Enfrentando os obstáculos que surgem a cada instante, ele se sente confuso sem saber por onde cavar, pois se encontra na escuridão da noite e a sua escavação esbarra em raiz e minério, e isso surge como um bloqueio para a sua saída. O trabalho de escavação se torna exaustivo e a liberdade que tanto procura mostra-se cada vez mais longe de ser alcançada.

“Eis que o labirinto
(oh razão, mistério)
presto se desata.”

Essa estrofe revela que o indivíduo se encontra em um labirinto muito difícil de encontrar a saída, mas que de forma misteriosa “se desata”. O indivíduo rompe todos os obstáculos e enfim, encontra sua tão sonhada liberdade.

Para Achcar (2000, p. 67), pode-se fazer uma leitura dessa estrofe, mais precisamente da expressão “presto se desata” fazendo uma relação à libertação do líder comunista Luís Carlos Prestes, da prisão em que esteve durante a ditadura Vargas.

Considerando-se a época da escritura do poema, após o país ter enfrentado momentos difíceis sob um regime de opressão, a situação de aporia pode ser atribuída a todos os que vivenciaram esse período.

Na última estrofe ressurgem a esperança representada pela palavra verde em:

“em verde, sozinha,
antieuclidiana,
uma orquídea forma-se” (p.57)

E a esperança desabrocha em forma de uma flor que surge em meio a toda dificuldade como se o inseto se metamorfoseasse nela e finalmente encontrasse o seu caminho. Em relação à expressão “antieuclidiana”, Achcar (2000, p. 66), faz uma alusão a uma metamorfose da flor de um caráter insólito e antigeométrico. A orquídea nasce rompendo a razão e a razão matemática é atribuída a Euclides.

Ao analisar esse poema durante uma palestra², o crítico Antônio Carlos Secchin apresenta uma curiosidade sobre a palavra “antieuclidiana” que representa o 13º verso do 13º poema de “A Rosa do Povo”. Segundo ele, um dos princípios de Euclides na razão matemática, “é que a menor distância entre dois pontos distintos é uma linha reta”, e no poema não se trata de nenhuma reta, e sim, de um labirinto. O crítico ressaltou também que os elementos de Euclides são compostos justamente por 13 livros, coincidindo assim, com o número da inserção do verso no poema e deste no livro do qual faz parte.

Pode-se entender que a palavra “antieuclidiana” pode estar mesmo relacionada à contrariedade ao princípio euclidiano, que aparentemente possui uma solução mais rápida do que a solução do problema apresentado no poema, que de início parecia impossível de se resolver.

No Poema “Áporo”, Drummond desenrola os três significados da palavra apontados por Achcar (2000), apresentando um inseto que cava em busca de solução para um problema difícil e como num passe de mágica, se transforma numa orquídea.

O “áporo” pode significar também um disfarce do poeta tentando levar a sua arte ao conhecimento do público e a situação difícil pode ser entendida como a luta com as palavras na composição do poema que surgirá como uma flor nas páginas do livro.

Nos dois poemas estudados, Drummond utiliza um “bicho” como metáfora para representar a situação do indivíduo. No primeiro poema, o indivíduo é representado por um “elefante” que sai à procura de amigos, em um mundo que já perdeu a credibilidade nas pessoas e nas coisas. No segundo, o indivíduo é um “inseto” que luta desesperadamente para sair de um “labirinto” e nessa luta incansável ele alcança a liberdade almejada.

² Em palestra realizada na 10 FLIP (Festa literária Internacional de Paraty) no 06/ 07/ 2012.
Disponível em: www.valor.com.br

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste trabalho, abordamos, dentre outros aspectos, a importância da revolução modernista, que constituiu um movimento de conscientização de cunho social, político e cultural. As modificações realizadas pelo movimento culminaram com uma renovação literária, na qual se produziram obras com características nacionais, mostrando que não havia necessidade de se buscar modelos artísticos fora do país, pois os artistas brasileiros possuíam condições suficientes para realizar suas produções.

Dentre os artistas que participaram do movimento de renovação literária, encontra-se Carlos Drummond de Andrade, o qual exerceu um papel de fundamental importância como cronista e poeta, desenvolvendo várias temáticas e fazendo de sua arte um instrumento através do qual podia expressar seus sentimentos e inquietudes, sobretudo, no que se refere à denúncia dos problemas enfrentados pela sociedade. Tendo o seu trabalho evoluído a cada fase, chegamos ao consenso de que a mais importante dessas fases foi a denominada fase social, na qual o poeta volta-se para o seu semelhante e utiliza sua obra como um veículo de denúncia das mazelas enfrentadas pela sociedade.

Os poemas analisados fazem parte dessa fase e é perceptível o olhar crítico do poeta através dos seus versos. Utilizando a palavra, o poeta consegue revelar os sentimentos de um povo oprimido em busca de liberdade. Além da beleza estética, os poemas drummondianos alcançam outra dimensão que permitem ao poeta alcançar um lugar de destaque na literatura brasileira.

A poesia se caracteriza então, como uma ferramenta poderosa e a voz do eu poético é um grito que busca despertar a sociedade para a realidade. Vale salientar que além da temática social, o poeta também desenvolveu outras temáticas igualmente importantes, o que possibilita ao pesquisador a escolha de outros vieses a serem estudados, visto que dispomos de uma produção literária desenvolvida ao longo de uma carreira de mais de cinco décadas, repleta de poemas expressivos que possibilitam reflexões variadas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ACHCAR, Francisco. **Carlos Drummond de Andrade**. São Paulo: Publifolha, 2000.
- ANDRADE, Carlos Drummond. **A Rosa do Povo**. -19 ed.- Rio de Janeiro: Record,1998.
- ARISTÓTELES. **Arte Poética**. Tradução: Pietro Nasseti. São Paulo: Martin Claret, 2005.
- BARBOSA, Rita de Cássia. **Literatura comentada: Carlos Drummond de Andrade**. 2. ed. São Paulo: Nova Aguilar,1988.
- BOSI, Alfredo. **O ser e o tempo da poesia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- _____. **História concisa da literatura brasileira**. 4. ed. São Paulo: Cultrix, 2006.
- CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade: estudo de teoria e História Literária**. 11. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2010.
- _____. **Vários escritos**. 4. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2004.
- CARMO, Carlos Eduardo Vieira do. A comunicação poética. In: RIBEIRO NETO, Amador. **Linguagem da poesia**. João Pessoa: Editora da UFPB, 2011.
- CHAVES, Rita. **Margens do texto: Carlos Drummond de Andrade**. São Paulo: Scipione, 1993.
- HOUAISS, Antônio e VILLA, Mauro de Sales. **Dicionário Houaiss da língua Portuguesa**. Rio de janeiro: Objetiva, 2007.
- KOTHE, Flávio R. **O cânone republicano II**. Brasília: UnB, 2004.

LINS, Álvaro. A Rosa do Povo. In: ANDRADE, Carlos Drummond. **Poesia completa**. Volume único. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2006.

LOBATO, Monteiro. **Paranóia ou mistificação**. Disponível em: <<http://www.pitoresco.com/brasil/anita/lobato.htm>>. Acesso em: 16/11/2012.

MOISÉS, Massaud. **História da Literatura Brasileira**. Vol. III. São Paulo: Cultrix, 2001.

MORAES, Emanuel de. As várias faces de uma poesia. In: ANDRADE, Carlos Drummond. **Fortuna Crítica**. (org.) Sônia Brayner. Notas preliminares: Afrânio Coutinho. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

MORAES NETO, Geneton. **Dossiê Drummond**. 2. ed. São Paulo: Globo, 2007.

MORICONI, Ítalo. **Como e por que ler a poesia brasileira do século XX**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.

OLIVEIRA, Franklin de. **A dança das letras: antologia crítica**. Rio de Janeiro: Topbooks, 1991.

SANTANA, Afonso Romano de. **Drummond, o *gauche* no tempo**. Rio de Janeiro: Lia/MEC, 1972.

SENNA, Homero. Poética Moderna. In: ANDRADE, Carlos Drummond. **Fortuna Crítica**. (org.) Sônia Brayner. Notas preliminares: Afrânio Coutinho. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

VIEIRA, Flaviano Maciel. Abordagem poética. In: RIBEIRO NETO, Amador. **Linguagem da poesia**. João Pessoa: Editora da UFPB, 2011.